

**A resenha jornalística contemporânea:
uma análise do Jornal Rascunho**

*Contemporary journalistic review:
an analysis of Jornal Rascunho*

Caren Gabriele Vieira SILVA¹
Antônio Marcus Assis LIMA²

Resumo

As resenhas literárias destacaram-se ao longo dos anos em suplementos especializados que, por vezes, foram fator decisivo para inúmeros autores e leitores em todo o território nacional. Entretanto, com o surgimento da web e as reconfigurações do consumo de informação, a popularidade desse tipo de produção jornalística tem diminuído drasticamente. Partindo dessa realidade, este artigo tem por objetivo analisar o perfil da resenha tradicional em um jornal literário contemporâneo, utilizando para isso os procedimentos próprios da análise de conteúdo e as teorias do jornalismo opinativo e cultural de José Marques de Melo e Franthiesco Ballerini.

Palavras-chave: Jornalismo opinativo. Jornalismo Cultural. Resenha literária.

Abstract

Literary reviews have stood out over the years in specialized supplements that have sometimes been a deciding factor for numerous authors and readers across the country. However, with the emergence of the web and the reconfiguration of information consumption, the popularity of this type of journalistic production has declined dramatically. Based on this reality, this article aims to analyze the profile of the traditional review in a contemporary literary journal, using the procedures of content analysis and the theories of opinion and cultural journalism by José Marques de Melo and Franthiesco Ballerini.

Keywords: Opinion journalism. Cultural Journalism. Literary review.

¹ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: carengabriele96@gmail.com

² Pós-doutor em Linguagens e Representações (PPGLLR/UDESC) e em Media & Communications (Goldsmiths Colega/University of London). E-mail: malima@uesb.edu.br

Introdução

Os cadernos de cultura dos jornais brasileiros já foram os mais cobiçados suplementos jornalísticos de diversas empresas. Mesmo não sendo rentáveis, ofereciam prestígio ao jornal e aos profissionais vinculados a ele, bem como aos leitores (TRAVANCAS, 2001 apud BALLERINE, 2016, p. 26). Nesses suplementos encontrava-se desde entrevistas relacionadas a área até crônicas, passando pela resenha crítica. Em se tratando da resenha literária, o jornal foi um dos maiores influenciadores de opinião de uma época, direcionando o interesse do público para uma grande variedade de obras.

Entretanto, é possível notar uma diminuição do consumo desse produto ao longo dos últimos anos – reflexo proporcional do enxugamento das redações jornalísticas em todo o Brasil. Mesmo que, em quase 600 anos desde o surgimento da imprensa³, não haja registros do desaparecimento de nenhum suporte de comunicação (DINES, 1986, apud BALLERINE, 2016, p. 31), ainda é possível notar como o surgimento e popularização da internet abalou as estruturas do jornalismo tradicional. O consumo de informação e do conteúdo jornalístico tem se reconfigurado e exigido das empresas de comunicação uma adaptação à essa nova realidade. Para o jornalismo cultural não poderia ser diferente.

A fim de compreender os velhos e novos parâmetros da resenha literária, bem como se as empresas jornalísticas têm se esforçado para acompanhar as novas tendências, foi escolhido para compor o corpus deste trabalho a resenha produzida e publicada pelo *Jornal Rascunho*, suplemento literário contemporâneo.

História da resenha no Jornalismo

A partir da análise das classificações de gênero europeias, norte e latino-americanas, e mesmo os primeiros estudos esboçados no Brasil, José Marques de Melo (2003, p. 65) propôs em sua tese de doutorado uma classificação própria. Para o autor, dentro da categoria informativa estão contidos os gêneros Nota; Notícia; Reportagem e

³ Considerando como ponto de partida a bíblia de Gutenberg.

Entrevista. Já na categoria do jornalismo opinativo estão os gêneros Editorial; Comentário; Artigo; Coluna; Crônica; Caricatura; Carta e Resenha.

No que diz respeito aos estudos da resenha propostos dentro deste artigo, o autor chama atenção para a diferenciação entre ela e a crítica, levando em consideração que ambas compreendem a apreciação de expressões culturais como obras de arte, música, livros, entre outras. Com a profissionalização dos produtos jornalísticos, bem como com a pressão do mercado cultural por um texto mais simplificado, a resenha se tornou preferível para os veículos de comunicação.

“Se um primeiro duelo entre críticos-cronistas e os críticos-professores apontara a vitória parcial destes últimos nas décadas de 1940 e 1950, em meados dos anos 1960 assiste-se a um fenômeno que bem se poderia considerar uma vingança do rodapé” (SÜSSEKIND apud BALLERINI, 2016, p. 82). A partir desse momento, os intelectuais passaram a produzir apenas para os periódicos especializados ou universitários como críticos, em contraposição ao que era produzido nos jornais, às resenhas, tradução da palavra usada nos jornais norte-americanos para designar o mesmo trabalho, a *review*.

Segundo Melo (2003, p. 130-131), essa mudança representa uma mudança no conteúdo. Enquanto a crítica se ocupava de analisar as obras seguindo os padrões pré-estabelecidos e, portanto, destinado as elites, a resenha se ocupava dos produtos da indústria cultural. Desse modo, ela se configura como um gênero que visa orientar o público com relação aos produtos culturais que circulam no mercado, ou seja, uma atividade utilitária.

Ao analisar uma resenha, também é possível identificar e separar os aspectos da mesmo em duas categorias, sendo elas a crítica autoritária, em que o texto é ocupado pelos padrões históricos; e a crítica impressionista, que dá conta das impressões do profissional que a escreve (HUNT, 1974 apud MELO, 2003, p. 134). O autor questiona, entretanto, essa divisão. Para Melo (2003, p. 135), a impressão de qualquer crítico depende inevitavelmente dos modelos históricos compreendidos em sua percepção, da mesma forma que a utilização destes não implica na imposição de padrões.

Everton Terres Cardoso (2007, p. 302), também entende que, da mesma forma, a “análise de uma obra de arte, seja ela de que tipo for, não pode ser feita a não ser inserindo-a dentro do campo de produção artístico-cultural”. Assim, é possível entender os padrões apresentados dentro das resenhas regulares produzidas em solo brasileiro: o

nariz de cera⁴ como introdução; informações sobre o autor; as digressões e o juízo pessoal emitido, como define Afrânio Coutinho (1975 apud MELO, 2003, p. 135).

A resenha, por sua vez, não se limita mais ao jornal diário e com as crises econômicas, sejam elas geradas pela diminuição de consumo dos jornais impressos ou pelas recessões econômicas, essa é uma das formas de sobrevivência encontradas pelo gênero. E não é para menos, ao desconsiderar a cultura como informação relevante, esse é o setor que mais sofre com os cortes dentro das redações. Para o fundador do *Jornal Rascunho*, Rodrigo Pereira, a motivação por traz de toda essa desvalorização é clara: “É muito comum que alguns assinantes não renovem em determinado período e depois retornem. Fica muito claro que aquele é um momento de instabilidade financeira. E o que se vai cortar? O jornal de literatura não é vital” (PEREIRA, 2017).

Mídia especializada e os suplementos literários

O campo literário dentro do jornalismo brasileiro remonta ao início do século XIX, com a circulação de Nitheroy – Revista Brasiliense, em 1836, e embora nem sempre a notícia e a literatura caminhem no mesmo sentido, essa área se desenvolveu de forma rápida na época (BALLERINI, 2016, 78 - 79).

Segundo Frantiesco Ballerini (2016, 78 - 79), durante os primeiros anos do jornalismo cultural, grandes autores publicaram em diversos jornais. Isso se devia, principalmente, pela pequena quantidade de editoras no país e a oportunidade de publicar seus textos dentro desses veículos, seja pelo prestígio de ser conhecido pelo público, seja como uma fonte de renda. É nesse período em que surgem os primeiros folhetins, histórias que mais tarde se tornaram os grandes clássicos da literatura brasileira, como Memórias de um Sargento de Milícias de Manoel Antônio de Almeida.

Já no século XX, a crítica moderna começa a ser moldada pelos primeiros formandos da Faculdade de Filosofia, por volta de 1930. Anos depois, esses mesmos nomes aumentaram a quantidade de críticas de rodapé (as resenhas), crônicas e notícias vinculadas a indústria cultural. Com a chegada desses novos críticos às redações, a prática brasileira se assemelhou ao *new criticism* anglo-americano (BALLERINI, 2016, p. 81). É nesse momento em que os textos passam a assumir ares acadêmicos, gerando

⁴ Parágrafo de introdução que retarda a entrada no tema a ser abordado no texto.

uma discussão que perdura até os dias de hoje. Afinal, a quem pertence essa atividade e como ela deve ser feita? Muitos estudiosos tentaram demarcar os espaços de cada um.

Para Jorge Rivera (2003, apud CARDOSO, 2007, p. 200), por exemplo, enquanto a resenha deve se aprofundar na interpretação tanto quanto na valoração da obra, a crítica apresenta apenas uma ideia do conteúdo acrescido de breve juízo de valor. Já para Afrânio Coutinho (1975 apud MELO, 2003, p. 131), a resenha constitui a atividade genuinamente jornalística, em que é apresentado como um breve comentário, enquanto a crítica exige métodos e critérios que não condizem com a necessidade de regularidade dentro dos veículos de comunicação.

Por volta da década de 1960, com o confinamento dos críticos de volta às universidades, surgem os suplementos literários. Um de seus principais marcos foi o Suplemento Literário de O Estado de São Paulo (1956), que influenciou toda a imprensa daquele período. No mesmo ano, surgiu o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro e, fora do eixo Rio-São Paulo, o Suplemento Literário do jornal Minas Gerais (1966) e o Caderno de Sábado do Correio do Povo (1967), em Porto Alegre (BALLERINI, 2016, p. 82).

Entretanto, atualmente suplementos e cadernos culturais tem desaparecido das bancas de jornal. Ballerini (2016, p. 83-84) aponta em seu texto as principais causas dessa crise. São elas o surgimento e popularização da internet a partir dos anos 2000, bem como a falta de material especializado no país e os cortes orçamentários cada vez mais comuns dentro das redações.

Para Rogério Pereira, fundador do *Jornal Rascunho*, principal veículo sobre literatura no Brasil⁵ hoje, é fácil compreender a falta de investimentos. Em entrevista ao portal A Escotilha, o jornalista fala sobre uma das principais dificuldades encontradas nesse ramo: o reduzido número de leitores interessados nesse tipo de conteúdo.

Nós temos 17 anos e 2 mil assinantes. Isso me mostra o porquê nenhum dos grandes jornais não tem um caderno de literatura e o porquê nem neles a literatura sobreviveu. Porque a discussão literária, mesmo dentro da Folha de S. Paulo e nos outros grandes jornais, sempre foi uma coisa pequena. Ainda assim, eu acho que a literatura tem um espaço e que a discussão literária tem um espaço. É possível fazer um jornal de literatura, é possível ter pessoas interessadas nesse debate. Não só é possível, como existe. Por isso o *Rascunho* e outros veículos sobrevivem e têm uma certa importância e relevância no cenário (PEREIRA, 2017).

⁵ Segundo matéria publicada pelo portal A Escotilha em 2017.

Metodologia

A análise de conteúdo configura-se como uma metodologia desenvolvida para o exame e estudo das comunicações, sendo usada para interpretação de documentos e outros textos. Segundo Bardin (2002, p. 42), esse conjunto de técnicas procura alcançar, por meio de procedimentos sistemáticos, os indicadores sem os quais não é possível compreender as condições de produção e de recepção das mensagens.

O autor ainda ressalta que esse formato de análise não é dedicado ao estudo da língua ou da linguagem de forma específica, mas sim das variáveis inferidas a partir do objeto (HENRY, MOSCOVICI, 1968 apud BARDIN, 2002). O propósito da análise de conteúdo é outro, uma vez que “a mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem” (MORAES, 1999).

A análise proposta neste artigo visa esclarecer quais os principais aspectos da resenha literária jornalística. Para tanto, foram utilizadas 12 resenhas publicadas pelo *Jornal Rascunho*, selecionadas dentro do período de um ano (2018), onde foram destacadas 4 categorias que definem as resenhas com tal. Será utilizada a abordagem indutiva-constructiva, uma vez que “sua finalidade não é generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados” (MORAES, 1999). Também será utilizada como ferramenta de coleta a análise temática que, segundo Bardin (2002, p. 105) “consiste em descobrir os <<núcleos de sentido>> que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

Análise

Mas, afinal, o que define as características básicas de uma resenha jornalística? Tendo como referência o texto de José Marques de Melo e as observações feitas a partir da leitura das resenhas utilizadas como corpus dessa pesquisa, é possível elencar as principais características desse gênero. São elas: 1 – a linguagem (formal e em

monólogo); 2 – a estrutura pré-definida da narrativa, proposta por Hunt (apud MELO, 2003, p. 135) e composta por contexto, apreciação da obra e conclusão/opinião.

A fim de elucidar as características básicas da resenha jornalística será feita uma análise com textos previamente selecionados do *Jornal Rascunho*. Foram elencadas 12 resenhas dentro do período de um ano, uma publicada em cada mês de 2018, presando por autores diferentes e livros de nacionalidades diversas. As resenhas escolhidas correspondem as unidades de análise A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L, conforme a tabela:

Tabela 1: Relação de textos e nomenclatura das unidades de análise

	Título da Resenha	Autor
Texto A	Fauna Triste	Rafael Zacca
Texto B	Voo sobre todos nós	Jorge Ialanji Filholini
Texto C	O jogo da vida e da morte	Gabriela Silva
Texto D	As perdas no varal	Vivian Schlesinger
Texto E	O modo primitivo de sentir	Tatyana Leite
Texto F	As linhas retas de uma mesa quadrada	Iara Machado Pinheiro
Texto G	Jorge “Repetidor” Amado	Rodrigo Gurgel
Texto H	Anotar a si: criar mundos	Rodrigo Carrijo
Texto I	O ardente manuscrito	Arthur Marchetto
Texto J	O horror do espetáculo	Luiz Horácio
Texto K	O Povo Indomável	Haron Gamal
Texto L	O autor e suas dobras	Guilherme Mazzafera

Fonte: os autores.

Foram definidas quatro categorias básicas, referentes as propriedades da resenha jornalística, conforme enunciado acima. A primeira categoria é intitulada *Linguagem* e da conta do aspecto formal do texto, seja pela utilização de palavras estranhas ao cotidiano. A segunda categoria é o *Contexto*, que dá conta da explicação oferecida durante a leitura da resenha para a obra analisada, seja de cunho político, histórico ou estético. A terceira categoria é a *Apreciação*, que dá conta das reflexões do autor da resenha a partir do tema/conteúdo. E por fim, a categoria *Conclusão/Opinião*, momento reservado as considerações finais a respeito da obra e, em alguns casos, expressando opinião.

Correspondendo a categoria *Linguagem*, foi possível identificar ao longo de todo o texto e em todas as resenhas, a formalidade com que foram escritos, decorrente, provavelmente, de uma característica previamente acertada e estabelecida pelo veículo

em que a resenha foi divulgada. Mas, para além disso, é possível identificar também palavras e expressões ao longo do texto que fogem ao cotidiano e a linguagem coloquial, como no texto F; I; K e L.

Tabela 1: Categoria “Linguagem” – Palavras incomuns a linguagem cotidiana.

	Evidências
Texto F	“Também entre precária linearidade e tiradas sagazes ficam os desvios éticos de personagens secundários.”
Texto I	“Ao longo dos anos, os originais foram submetidos a diversos especialistas e muitas versões do livro coexistiram.”
Texto K	“O livro estabelece um diálogo com a época de hoje, em que a grande imprensa apresenta um jornalismo contaminado pelas posições políticas de seus proprietários, levando falsamente à crença de que suas posições poderão perdurar (...)”
Texto L	“Cabe explicar a primeira asserção: Tiago Ferro, pessoa física, é, de fato, o pai de uma menina que, aos 8 anos, morreu.”

Fonte: os autores.

A escolha de cada autor pela utilização de palavras pouco utilizadas na conversação informal pressupõe que seus possíveis leitores não terão dificuldades em conhecer o significado delas. Entretanto, o autor das resenhas não demonstra reconhecer esses leitores como seu interlocutor, uma vez que, mesmo quando se refere a ele no texto, torna isso uma ferramenta para dar continuidade as ideias desenvolvidas, como no texto A ou B.

Tabela 2: Categoria “Linguagem” – Aspectos de monólogo

	Evidências
Texto A	“Tenha-se em mente que Luiz Costa Lima distingue a ficção da mentira”
Texto B	“Não espere um romance com escrita concisa, nada escapa do olhar e relato do personagem nomeado como engenheiro.”
Texto D	“O leitor sente saudades de Antônio — não do adulto insofrito que ele parece ser nas palavras da irmã, mas do menino inteligente e dilacerado que foi.”

Fonte: os autores.

Em textos como o C; o E e o H o autor da resenha literária coloca o leitor como seu semelhante dentro do texto, mas o faz como ferramenta para construção do seu próprio argumento. Em algumas resenhas, utiliza as perguntas para esse mesmo objetivo, uma vez que não espera e nem permite que o leitor tenha tempo para refletir sobre aquilo que lhe é questionado. São exemplos o texto G e J.

Tabela 3: Categoria “Linguagem” – Ferramenta de construção do texto

	Evidências
Texto C	“Vivemos para morrer, e nesse espaço de tempo estamos submetidos à ideia de Deus.”
Texto E	“A partir disso, vamos lembrando de como desejamos que cada átomo nosso vire do outro, como — enquanto apaixonados — gostamos (ou gostaríamos) de virar uma membrana permeável da outra pessoa (...)”
Texto G	“Mas por que Jorge “Repetidor” Amado encanta o leitor comum? Porque sua escrita é um pântano de sentimentalismo”
Texto H	“Ler Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962, organizados por Karen V. Kukil, dá-nos a precisa dimensão da assertiva de Blanchot.”
Texto J	“Qual a razão para tanta fotografia de pôr do sol no Instagram? O importante é a fotografia ou o nome do autor associado? A sociedade do espetáculo bem que podia ser um pouco exigente.”

Fonte: os autores.

Para a categoria *Contexto*, é importante lembrar que ele pode se referir a situações diferentes, embora sempre presentes dentro do texto. No texto A; G e I são estabelecidos dentro da resenha o contexto político no qual as obras foram produzidas ou das quais dizem respeito.

Tabela 4: Categoria “Contexto” – Aspecto político

	Evidências
Texto A	“Se os curtos-circuitos históricos se produzissem de maneira puramente verbal, poderíamos, diante da constatação do fracasso do capitalismo, que seguimos ignorando, dizer que o desânimo hiperbólico de nossa época é fruto de uma relação diretamente proporcional (...)”
Texto G	“A biografia de Jorge Amado é indissociável do comunismo, ideologia política da qual foi fidelíssimo seguidor, tendo recebido, em 1951, o Prêmio Stalin, outorgado a figuras públicas que de alguma forma lutaram pela

	implantação do ideário esquerdista (...)”
Texto I	“A história, concluída postumamente doze anos depois e intitulada O Mestre e Margarida, só chegou ao público 40 anos depois daquela primeira linha. O longo tempo para finalizar o livro está relacionado às dificuldades que Bulgákov enfrentou.”

Fonte: os autores.

Já no texto C e J encontramos exemplos de contextos referentes ao período de produção da obra, enquanto no texto D; H e K temos exemplos de contexto histórico inserido dentro da obra.

Tabela 4: Categoria “Contexto” – Aspecto histórico

	Evidências
Texto C	“Publicado pela primeira vez em 1917, Húmus é uma das mais importantes obras da literatura portuguesa do século 20. (...) Pela natureza de sua construção narrativa — fragmentação, narrador e temática — Húmus é relacionado (e comparado) ao Livro do desassossego, de Fernando Pessoa.”
Texto D	“Aqui no Brasil, Leonardo Brasiliense, um médico criado na cidade, trabalhando na Receita Federal, retratou com densidade e lirismo a vida de uma família de colonos do interior do Rio Grande do Sul de 40 anos atrás.”
Texto H	“(...) os diários reunidos nesse volume compreendem os anos de vida adulta da hoje consagrada poeta norte-americana, cuja prática diarística tem início aos 11 anos e seguiu até a sua morte, aos trinta, em 1963. Excetuando-se, no entanto, os dois diários de capa dura escritos por Sylvia Plath durante seus três últimos anos de vida.”
Texto J	“Quando as imagens tomam posição, com subtítulo O olho da história I, é um texto fundamentado em duas obras de Bertolt Brecht: l’Arbeitsjournal (Diário de trabalho), escrito em seus anos de exílio, 1933-1948, e Kriegsfibel (ABC da guerra), que começou a escrever no início da guerra e terminou com uma publicação um tanto confusa devido à censura alemã, em Berlim durante o ano de 1955.”
Texto K	“Última hora, de José Almeida Júnior, é um romance que recupera a história recente do Brasil, sobretudo o Estado Novo e o período que vai até o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954.”

Fonte: os autores.

Há, ainda, a aplicação do contexto referente ao estilo que da forma a obra, como no texto B e L. Já nos textos E e F podemos perceber o estilo que o autor escolheu aplicar como conteúdo da obra.

Tabela 6: Categoria “Contexto” – Aspecto estilístico

	Evidências
Texto B	“Esta criação de mundo por Santana, bem como a aplicação de metáforas, denota em romances portugueses da pós-modernidade.”
Texto E	“Pelas mãos de Luca Guadagnino (100 Escovadas antes de dormir) e James Ivory (Uma janela para o amor), o livro virou filme e levou pra casa a estatueta do Oscar como Melhor Roteiro Adaptado, ficando neste mesmo lugar de sutileza, com elipses para cenas de amor e erotismo, além de deixar claro — quando falamos de paixões e amores — que somos todos bem parecidos.”
Texto F	“As palavras que abrem Tudo pode ser roubado são de G. H., narradora de Clarice Lispector: “Somos livres, e este é o inferno”. A epígrafe, tão breve quanto potente, desloca o entendimento comum de liberdade e coloca o devido peso no “apenas escolher viver” da narradora que abre o seu relato, sobre a desintegração subjetiva que sofreu, tentando entender, e o fecha colocando o impossível da compreensão.”
Texto L	“Não há dúvidas de que o livro de Ferro é romance, mas o pendor ensaístico que abona toda boa ficção é o baixo contínuo em que se move um trabalho penoso, atravessado por um humor constricto, difícil, mas incontornável, de prospecção da intimidade ruinosa. É, sobretudo, um ensaio de forma.”

Fonte: os autores.

Ao observarmos a categoria *Apreciação* percebe-se que ela dá conta das inferências construídas pelo resenhista a partir da obra analisada, como no texto B; C; G; H e I.

Tabela 7: Categoria “Apreciação” – Inferências do autor

	Evidências
Texto B	“Há singularidade na raiz da trama, que muito bem é semeada pelo desenvolvimento das personagens. No decorrer da leitura, o engenheiro fornece um excelente papel de observador.”
Texto C	“Húmus se configura como um espaço da negatividade no qual essa morte deambula entre as figuras que compõem o romance.”

Texto G	“Tudo é óbvio e previsível no romance. Sem chegar à metade do livro, adivinhamos o destino dos principais personagens, sabemos quem será o grevista profissional, o pintor famoso, o sacerdote.”
Texto H	“A essa relação conflituosa entre tempos distintos que recaem sobre os autores e a anotação — as lembranças (passado), o gesto da escrita (presente) e a sua intencionalidade (futuro), soma-se a indeterminância do que se afigura enquanto real.”
Texto I	“O livro se mostra mais carnavalesco do que infernal, mesclando o bem e o mal, o humano e o divino.”

Fonte: os autores.

Em alguns dos casos, essas inferências dependem diretamente de outras referências e conhecimentos externos adquiridos pelo resenhista, como no texto A; D; E; F; J; K e L.

Tabela 8: Categoria “Apreciação” – Referências do autor

	Evidências
Texto A	“A formulação é quase freudiana, mas propõe um salto do ‘estado melancólico’ para a ‘melancolia ficcionada’”.
Texto D	“Se por um lado, Roupas sujas é a decadência de uma família, acelerada pelas idiossincrasias dos personagens, por outro, há uma concentração de tragédias de fazer inveja a um Shakespeare — e nem por isso, menos convincente.”
Texto E	“Apesar de, nitidamente, ter como foco as questões amorosas que nos impedem de pensar com tanta racionalidade, a obra narrada em primeira pessoa por Elio não é apenas uma história de amor: é também sobre alguém — quase em um texto proustiano — que, para conhecer a si mesmo, se escava profundamente.”
Texto F	“É assim, com todas as cartas na mesa, que a leitura segue. De maneira agradável e fluída, sim, há um ritmo empolgante, mas que não tem estofamento suficiente para dissipar a impressão de que muitos dos elementos da história já foram vistos em algum outro lugar, possivelmente um filme americano.”
Texto J	“Nesse sentido, apresenta um recorte que evidencia tanto o rigor brechtiano quanto o dogmatismo do dramaturgo e seu pensamento acerca da guerra, da história e da política. Trata-se de um documento.”
Texto K	“José Almeida Júnior fez uma boa pesquisa, inclusive sobre o funcionamento da imprensa da época, com jornalistas que ficavam vários

	dias sem voltar para casa e, muitas vezes, dormiam nas redações à espera de algum chamado para cobrir um evento importante.”
Texto L	“Em um livro que não aceita complacentemente a ideia de autoficção, uma importante cadeia imagética que o atravessa é a da vida como filme, espaço liminar entre sonho e realidade, dimensões precípuas na construção do romance.”

Fonte: os autores.

Por fim, dentro da categoria *Conclusão/Opinião*, é possível diferenciar os autores que preferem deixar sua opinião de forma clara ao finalizar o texto, enquanto outros o fazem de forma sutil, como no texto A; C; E; F; I e L.

Tabela 9: Categoria “Conclusão/Opinião” – Opiniões emitidas de forma subentendida

	Evidências
Texto A	“A metamorfose e Fim de jogo são, de certa forma, testemunho e resultado desse processo. Conquanto Melancolia tenha forte apelo cosmopolita, a modernidade capitalista nos homogeneiza a todos; o livro é de interesse geral (...)”
Texto C	“É, portanto, um livro que pode ser entendido, para além do que já foi dito sobre os elementos que o constituem: a morte e as metamorfoses que sofremos ao longo da vida por causa da ideia da finitude, evitada no sonho e lembrada pela durabilidade da matéria.”
Texto E	“No fim, André Aciman (o autor estará na Flip deste ano) traz personagens que nos fazem enxergar e cavar nossas próprias incertezas, no maior estilo de leitores que se escondem para viver o mundo do outro.”
Texto F	“O excesso de pertences das vítimas dos roubos, que são subtraídas sem que ao menos percebam, se contrapõe à ausência de querer que a narradora atribui a si, ausência também de nome próprio, que não aparece em nenhum ponto da narrativa. A marca mesmo que a narradora deixa é pela ausência, por meio da retirada de algo e a troca por um pequeno lugar vago.”
Texto I	“Como dito no próprio livro, tais “artistas” estavam mais preocupados com suas férias no campo do que com o desenvolvimento estético.”
Texto L	“A forma do livro, em grande medida, toma para si a difícil missão de, a cada passo, lista, pergunta, verbete, carta, fragmento, e-mail, nota, delírio, esboço, grito, repor a tensão entre tais instâncias — eliminar o mundo ou reordená-lo? —, compondo, em verdade, um “desorganismo”, que como a Menina-Deus do excerto final, encara o leitor de frente, “Piscando,

	envolvendo tudo, ganhando e perdendo forma sem parar”. E isso não é pouco.”
--	---

Fonte: os autores.

Dentre os textos em que a opinião do autor é emitida de forma clara, podemos citar o texto B; D; G; H e K.

Tabela 10: Categoria “Conclusão/Opinião” – Opiniões emitidas de forma clara

	Evidências
Texto B	“Terminamos a leitura de Flor de Algodão com o desejo de saber mais sobre aquela cidade criada por Santana Filho.”
Texto D	“Ao contrário da dinâmica da família, a prosa de Roupas sujas é limpa, cristalina, objetiva, o que reflete a linguagem do gaúcho, sem cair no pitoresco.”
Texto G	“Péssimo resultado estético, a reiteração, contudo, serve como pedra de moer consciências, reforçando, página a página, associações mentais enganosas.”
Texto H	“Há, pois, nesses escritos, algo que pulsa para além do sentido e que pode ser melhor experienciado se interpelado com atenção e em ritmo lento; distante, enfim, daquela posição ansiosa que busca logo atribuir aos objetos o seu significado, o seu enquadramento. Como se verá, Sylvia são muitas.”
Texto J	“O que nos leva a concluir que tanto a época das fotos recortadas por Brecht quanto nossa atualidade refletem o aprimoramento do desarranjo da sociedade. Um espetáculo cada vez mais horroroso.”
Texto K	“A linguagem transcorre fluida, sem empecilhos, tornando a leitura um grande prazer, mesmo que se leve em conta o caráter histórico.”

Fonte: os autores.

Partindo dos resultados obtidos com as análises anteriores, é possível concluir que os textos publicados pelo *Jornal Rascunho*, aqui selecionados, se enquadram como resenhas jornalísticas, uma vez que apresentam as características necessárias para tal.

Conclusão

Este trabalho teve por objetivo comparar os novos e antigos parâmetros da resenha literária, a fim de compreender como e se as empresas jornalísticas têm se esforçado para acompanhar as novas tendências. Por conta disto, foi priorizado um estudo estrutural da resenha, no qual as análises consideraram o conteúdo produzido, bem como ao público a que esses diferentes tipos de resenha se destinam.

As inferências aqui realizadas nos permitem assumir, também, que o formato tradicional da resenha jornalística é moldado por um padrão que permanece inalterado a muitos anos, a fim de garantir a credibilidade e legitimidade do texto. Entretanto, no século da convergência, esses padrões pouco falam a massa, alcançando apenas leitores intelectualizados e que preferem procurar este tipo de conteúdo específico.

Conclui-se, por fim, que há uma necessidade cada vez mais pungente de renovação nas produções jornalísticas e, em especial, da produção voltada para o mercado cultural. Com um público cada vez mais antenado e engajado, é preciso compreender os novos ritmos e hábitos de consumo, em especial no setor literário, e pensar novas formas de acompanhar esse movimento sem perder a identidade daquilo a que a produção, e em especial a resenha literária jornalística, se propõem.

Referências

BALLERINI, F. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema, música. 1. ed. São Paulo: Summus, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2002.

CARDOSO, E. T. Crítica de um enunciador ausente: A configuração da opinião no jornalismo cultural. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 299-314, jul/dez 2007.

CARRIJO, R. Anotar a si: criar mundos. "Diários" apresentam as inquietações em torno da vida e obra de Sylvia Plath. In: **Jornal Rascunho**, ed. 220, ago. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/anotar-a-si-criar-mundos/>. Acesso em 02 jan. 2019.

FILHOLINI, J. I. Voo sobre todos nós. Em "Flor de Algodão", Santana Filho constrói tramas e desenvolve coerentemente o caráter humano. In: **Jornal Rascunho**, ed. 214, fev. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/voo-sobre-todos-nos/>. Acesso em 05 mar. 2019.

GAMAL, H. O Povo Indomável. "Última hora", de José Almeida Júnior, recupera a história recente do Brasil em linguagem fluida, sem empecilhos. In: **Jornal Rascunho**, ed. 223, nov. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-povo-indomavel/>. Acesso em 05 mar. 2019.

GURGEL, R. Jorge "Repetidor" Amado. No romance "Capitães da areia", a reiteração se torna um esquema de maçante previsibilidade. In: **Jornal Rascunho**, ed. 219, jul. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/jorge-repetidor-amado/>. Acesso em 02 jan. 2019.

HORÁCIO, L. O horror do espetáculo. Didi-Huberman apresenta o rigor de Bertolt Brecht e seu pensamento acerca da guerra, história e política. In: **Jornal Rascunho**, ed. 222, out. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-horror-do-espetaculo/>. Acesso em 05 mar. 2019.

LEITE, T. O modo primitivo de sentir. A melancolia e as descobertas amorosas sobressaem em "Me chame pelo seu nome", de André Aciman. In: **Jornal Rascunho**, ed. 217, mai. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-modo-primitivo-de-sentir/>. Acesso em 05 mar. 2019.

MARCHETTO, A. O ardente manuscrito. Clássico de Mikhail Bulgákov traz o diabo como única força motriz possível para renovar a literatura numa Rússia ateuista. In: **Jornal Rascunho**, ed. 221, set. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-ardente-manuscrito/>. Acesso em 02 jan. 2019.

MAZZAFERA, G. O autor e suas dobras. "O pai da menina morta", de Tiago Ferro, transita no espaço liminar entre sonho e realidade. **Jornal Rascunho**, ed. 224, dez. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-autor-e-suas-dobras/>. Acesso em 05 mar. 2019.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, R. Análise de conteúdo. In: **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PEREIRA, R. Rogério Pereira: "As pessoas precisam descobrir que a literatura pode fazer parte da vida delas". [8 de setembro, 2017]. **Portal A Escotilha**. Entrevista concedida a Jonatan Silva. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/entrevista-rogerio-pereira-jornal-rascunho-literatura/>. Acesso em 13 fev 2019.

PINHEIRO, I. M. As linhas retas de uma mesa quadrada. "Tudo pode ser roubado", de Giovana Madalosso, diverte, mas não ultrapassa a morna coesão. In: **Jornal Rascunho**, ed. 218, jun. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/as-linhas-retas-de-uma-mesa-quadrada/>. Acesso em 05 mar. 2019.

SCHLESINGER, V. As perdas no varal. A prosa de "Roupas sujas", de Leonardo Brasiliense, é limpa, cristalina e objetiva. In: **Jornal Rascunho**, ed. 216, abr. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/as-perdas-no-varal/>. Acesso em 05 mar. 2019.

SILVA, G. O jogo da vida e da morte. "Húmus", obra-prima do português Raul Brandão, transita entre prosa poética, ensaio e romance. In: **Jornal Rascunho**, ed. 215, mar. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-jogo-da-vida-e-da-morte/>. Acesso em 05 mar. 2019.

ZACCA, R. Fauna triste. Luiz Costa Lima faz de "Melancolia" um livro multigenérico, de poética, ciências humanas e filosofia. In: **Jornal Rascunho**, ed. 213, jan. 2018. Disponível em: <http://rascunho.com.br/fauna-triste/>. Acesso em 05 mar. 2019.